

MÁRIO CESARINY



Cinco Cartas

*

[sobre o século dezasseis & dom Sebastião
António Feliciano de Castilho & Tristan Tzara
A MÁQUINA DE FAZER POEMAS
& ainda
Elmano Sadino & Rimbaud
Madame du Bocage & o homem do hiperbóreo

*

segue com Florbela & dona Morte
OS PRÉ-RAFAELITAS
Teixeira de Pascoaes & Fernando Pessoa
o Virgem Branca & o Virgem Negra
Antero & Artaud
os lençóis dos poetas, Grabato Dias & Christopher Marlowe
o Rei Doido & Isabel de Aragão
o *tratado de doçaria* de Arnaldo de Villanova
Edouard Roditti & a libertação gay

*

& o mais que o leitor lerá
com passagem certa por Zurique, Peniche & Tomar
o dólmen de Pascoaes
& ainda
A MONTANHA TARAHUMARA
Europa & Badajoz
a Avenida Malhoa & as Ilhas Afortunadas]



Cinco Cartas
de MÁRIO CESARINY

organização e notas de
António Cândido Franco

APRESENTAÇÃO

Reúno — sem mexer em evidentes incorrecções, por me parecer que estas são não sendo, sem alterar a ortografia, que tenbo por pessoalíssima, e muito pouco a pontuação, não menos pessoal — as cinco cartas recebidas, entre Março de 1997 e Fevereiro de 2000, de Mário Cesariny, todas, com uma excepção, a terceira, respeitando Teixeira de Pascoaes ou suas adjacências próximas — a que não junto as minhas, pois nada cativariam, além de que delas não conservo cópia, a não ser fragmento de rascunho, em papel semi-rasgado, de Fevereiro de 2000. Mesmo a excepção, nas cartas dele, a terceira, curta de três linhas, um poema de silêncio, ao modo de orientais, até no jeito de escrever, anda cerca de tocar Pascoaes, pois A. Artaud, da carta aberta aos reitores das universidades europeias, a visar já o sol da anarquia primitiva do México, tem muito a ver com o autor de Marános, que se encantou com o bronze do Marão, deu de barato as entradas de Paris e teve aldeamento Tarabumara que chegasse nas tamancas de pau que meteu aos pés. Ousaria até dizer que Pascoaes e Artaud se confundem um com o outro — e basta para isso ver as fotografias finais de ambos, um à saída de Rodez, pobre diabo electrocutado pelo moderno e pela ciência dum qualquer doutor Fausto, e outro na aldeia, em banco milenar de pedra, pobre tolo a uivar de noite à Lua o desespero da criação. Daí o título com que este livrinho se entrega ao leitor, cinco cartas, sendo a carta o entretém que lê o destino e o tiro certo que o exorcisma.

Um poeta quando passa por esta Terra deixa nela um sulco de luz que não mais se apaga. Poesia é outro nome para eternidade. Mário Cesariny incendiou o mundo com a poesia; nele as palavras valiam dinamite. Mas os estrondos poderosos dos seus versos, os rombos da matéria explosiva do seu verbo traziam no coração o diamante sem mancha, o ouro impoluto das imagens indeléveis, o bellum sine bello da representação. A arte poética que este poeta praticou — ele que tinha muito pouca paciência para o tricô estético — foi uma arte superior e sublime que reconduziu, através de sucessivas lavagens, o grão do mundo, o seu ruído de superfície, à sinfonia funda do seu primeiro eixo. Um tal homem, se nos é dado com ele convívio, se nos é permitido chegar com ele à fala, o que nem sempre a fortuna oferece, deixa-nos o desejo de ficar para sempre a seu lado. Chama-se a essa vontade de permanecer saudade. Este livrinho foi pois o modo que encontrei para ludibriar por um instante a morte e continuar palavra a palavra uma conversa que me recuso — sempre recusarei — dar por terminada. O que se ama não tem fim. Ama como a estrada começa — disse ele, repito eu.

A.C.F.

28 de Abril de 2013

estas *cinco cartas* de mário cesariny
(com especial agradecimento a Manuel Rosa)
foram impressas pela guide – artes gráficas, lda.
para a editora lícorne
em outubro de 2013

tiragem: 300 exemplares

isbn: 978-972-8661-93-9
depósito legal: n.º 367083/13

editorallicorne.blogspot.com

Mário Cesariny
R. Basílio Peles, 6, 2^a, J^{to}
Loto deimba

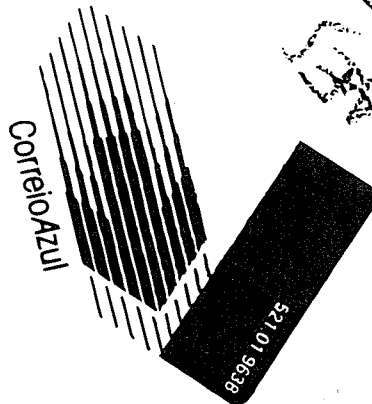
CORREIO AZUL NAC

09-05-07

120,00

SETE RIOS
1300 L. SBCA

END. 204



5100000000000
ATA 5100000000000

Para
António Cândido Franco
A. Fernando Pessoa, 133, 1^a, Esq.
2765, S. João, Estoril

Editora Licorne

Licorne, s. m. Animal fabuloso, espécie de cavalo com um chifre no meio da testa, que, de acordo com Plínio, teria existido na África Central; alicorne. // O m. q. narval e unicórnio. // Constelação austral.



QUADRO
DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
PORTUGAL 2007.2013

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



9 789728 661939